

MANIFESTO DO GRUPO VERDE

DE CATAGUAZES

Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos innumeráveis conselheiros b. b. que dogmatizam empoleirados nas columnas pretensas importantes dos jornais mirins do interior. E seria inútil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando.

Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é innumerável.

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.

Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto.

Pretendemos também focalizar a linha divisória que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

Nós não soffremos a influencia directa estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.

Mas não pense ninguém que pretendemos dizer que somos—os daqui—todos iguaes.

Somos diferentes. Diversíssimos até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topographica faz com que tenhamos, é facto, uma visão semelhante do conjunto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Dahi a união do grupo "VERDE". Sem prejuizo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.

Um dos muitos particulares característicos do nosso grupo é o objectivismo.

Todos somos objectivistas quasi. Explicação? Não precisa. Basta metter a mão na cabeça, pensar, comparar e... concordar.

O lugar que é hoje bem nosso no Brasil intellectual foi conquistado tão somente ao dionisiaco empreendimento do forte grupo de Bello Horizonte, tendo á frente o entusiasmo moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emilio Moura, com a fundação da A REVISTA, que embora não tendo tido vida longa, marcou epocha na historia da innovação moderna em Minas. (*)

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Bello Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literaria delles.

Somos nós. Somos VERDES. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um gostissimo escandalo interior e até valas intimas.

Não faz mal, não. E' isso mesmo.

Acompanhamos S. Paulo e Rio em todas as suas innovações e renovações estéticas, quer na litteratura como em todas as artes bellas, não fomos e nem somos influenciados por elles, como querem alguns.

Não temos paes espirituaes. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos e o diabo no sentido do abrasileiramento de nossos motivos e de nossa fala, vivem por ahi a pastichar o "modus" barbaro do sr. Cendrars e outros francezes escovados ou pacatissimos.

Não temos pretensão alguma de escanchar os nossos amigos. Não. Absolutamente.

Queremos é demonstrar apenas a nossa independencia no sentido escolastico, ou melhor, «partipario».

O nosso movimento VERDE nasceu de um simples jornaleco da terra—JAZZ BAND.

Um pequeno jornalequinho com tendencias modernistas que logo escandalizaram os pacatissimos habitantes desta Meia-Pataca. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas...

E dahi nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente toda que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.

A falta de publicações, casas editoras e dinheiro—tinha feito com que ficássemos á espera do momento propicio para apparecer.

Mas VERDE sahio. VERDE venceu. Podemos dar pancadas ou tomar. Não esperamos applausos ou vaias publicas, porque aquillo que provoca verdadeiro escandalo põe o brasileiro indifferente, na apparencia... com medo ou com vergonha de entrar no barulho.

Sim. Não esperamos applausos ou vaias publicas. Os applausos de certos publicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra applaudida com aquelles que o compreenderam.

Não fica atraz a vaia. A vaia é as vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores...

Porisso preferimos a indifferença. Esta será a mais bella homenagem que nos prestarão os que não nos compreendem. Porque atacar VERDE? Somos o que queremos ser e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples.

Exemplo: os outros querem que escrevamos sonetos liricos e acrosticos portuguezes com nomes e sobrenomes.

Nós preferimos deixar o soneto na sua cova, com os seus quatorze cyprestes importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa.

O que importa, de verdade, é a gloria de VERDE, a victoria de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do paiz.

Considera-nos, a grande imprensa, os unicos literatos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o publico de nossa terra, o respeitavel publico, nos têm em conta de uns simples malucos creadores de coisas absolutamente incriveis.

E' positivamente engraçado. E foi para dizer estas coisas que lançamos o manifesto de hoje, que apesar de tão encrencado nada tem de manifesto, apenas um ligeiro rodeo em torno da nossa gente, nosso meio.

RESUMINDO:

1º.) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo literario.

2º.) Temos perfeitamente focalizada a linha divisoria que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

3º.) Nossos processos literarios são perfeitamente definidos.

4º.) Somos objectivistas, embora diversissimos, uns dos outros.

5º.) Não temos ligação de especie nenhuma com o estilo e o modo literario de outras rodas.

6º.) Queremos deixar bem frisado a nossa independencia no sentido "escolastico".

7º.) Não damos a mínima importancia á critica dos que não nos compreendem.

E é só isso.

Henrique de Resende Christophoro Fonte-Bôa
Ascanio Lopes Martins Mendes
Rosario Fusco Oswaldo Abritta
Guilhermino Cesar Camillo Soares
Francisco I. Peixoto.

(*) Elles é que primeiro catechizaram os naturaes de Minas e nos animaram com o exemplo para a publicação de Verde.

